

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC RAPHAEL ESTRELLA NOGUEIRA

AÇÕES AÉREAS NA GUERRA DAS MALVINAS:

Voando nos céus do arquipélago de um conflito à luz da teoria EBO de David

Deptula

Rio de Janeiro

2019

CC RAPHAEL ESTRELLA NOGUEIRA

AÇÕES AÉREAS NA GUERRA DAS MALVINAS:

Voando nos céus do arquipélago de um conflito à luz da teoria EBO de David

Deptula

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CC Alexandre de SOUZA GOMES

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2019

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe Sandra Regina, minha mentora, por todo apoio, cuidados, orientações e carinho incondicional. Seu suporte sempre foi fundamental para o meu sucesso.

Aos meus filhos, Ana Carolina, Raphaela e Yuri, pelas muitas faltas, pelos afastamentos durante as brincadeiras e horas de lazer. Certamente um dia servirá de exemplo de esforço e dedicação que levarão para toda a vida.

Ao Capitão de Corveta Souza Gomes, meu orientador, pela motivação com o tema e ensinamentos transmitidos, além dos oportunos conselhos relativos à pesquisa deste trabalho.

RESUMO

A Guerra é o fenômeno social mais complexo da humanidade. E, como todo conflito, a Guerra das Malvinas (1982) não seria diferente. Os fatores que impulsionaram o Reino Unido e a Argentina a ingressar nesse extremo e dispendioso conflito armado, foram basicamente políticos, e ocorreram a fim de sobrepujar uma crise interna de popularidade de seus governantes. Em face desse cenário, o propósito deste trabalho é comparar os efeitos do emprego das aeronaves de asa fixa executando missões de esclarecimento, em proveito das Forças Navais britânicas, com vertentes conceituais da teoria formulada nos anos 1990 pelo Brigadeiro estadunidense David A. Deptula – a teoria das Operações Baseadas em Efeitos. Ressalta-se que esta teoria é fundamentada na aplicação cumulativa de todo o leque de capacidades militares e não-militares e, por meio dela, visa-se paralisar estrategicamente o adversário. No confronto entre a teoria e a realidade da guerra, os conceitos formulados por Deptula foram contrastados com as ações aeronavais britânicas de esclarecimento. Após o contraste, constatou-se que ainda que tenham a precedido, a teoria foi análoga aos efeitos da guerra. Por certo que, ao se obter elementos de movimento, posicionamento e intenções dos argentinos, bem como suas vulnerabilidades críticas, resultaram na obstrução das linhas de comunicações das Ilhas Malvinas, cortando toda sua linha de suprimentos essenciais ao esforço de guerra, ocasionando, portanto, uma “paralisia estratégica” argentina. Além disso, foi examinado todo o aspecto psicossocial explorado nas ações aéreas britânicas, como os bombardeios estratégicos ao aeroporto principal de Port Stanley – os quais objetivaram atingir psicologicamente as tropas argentinas e inevitavelmente suas tomadas de decisão. Assim, este estudo se destinou a verificar se a teoria EBO futuramente desenvolvida por Deptula possuiu aderência com esse conflito, que foi o último grande conflito armado no Atlântico Sul. Por fim, concluiu-se o trabalho com a demonstração da importância que a aviação embarcada tem para uma Força Naval. Além disso, apontou-se que muitos dos ensinamentos aqui obtidos oferecem sugestões à Marinha do Brasil no tocante às condições materiais dos meios navais e aeronavais nacionais, ao aprestamento das tropas e ao incentivo ao desenvolvimento de novas tecnologias e inovações no campo militar, a fim de se contrapor aos efeitos catastróficos de um imprevisto conflito armado.

Palavras-chave: Teoria das Operações Baseadas em Efeitos. Aeronaves. Ilhas Malvinas. Esclarecimento. Paralisia estratégica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O arquipélago das Malvinas.....	51
Figura 2 – Distância entre os Estados e as Ilhas Malvinas.....	52
Figura 3 – Aviação britânica e argentina na Guerra das Malvinas.....	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A TEORIA EBO DE DAVID DEPTULA	9
2.1	As bases de um conceito enigmático	9
2.2	Operações Baseadas em Efeitos (EBO).....	10
2.3	Processo de tomada de decisão.....	14
2.4	Da teoria à prática.....	15
3	O DESENCADear DA GUERRA DAS MALVINAS	18
3.1	O prelúdio da guerra	18
3.2	A geografia do conflito.....	21
3.3	O estopim.....	22
3.4	Operação <i>Rosário</i> : a invasão	24
3.5	Operação <i>Corporate</i> : a reocupação	26
3.6	A batalha frustrada.....	29
3.7	Operação <i>Black Buck</i> : a paralisia argentina.....	31
3.8	Afundamento do <i>ARA Belgrano</i> : o início do fim	32
4	A TEORIA EBO POSTERIORMENTE À QUESTÃO MALVINAS	35
4.1	A tomada de decisão britânica.....	35
4.2	Zona de Exclusão Total	36
4.3	A imobilidade aérea argentina.....	38
4.4	Os efeitos psicológicos	40
4.5	Esquadra em potência	42
4.6	A utilidade da teoria.....	43
5	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	48
	ANEXOS	51

1 INTRODUÇÃO

Já se passaram mais de 37 anos desde 02 de abril de 1982, quando os argentinos desembarcam em Puerto Argentino – centro administrativo das ilhas. Naquele episódio, colocou-se em marcha uma operação militar para a retomada de sua soberania sobre o arquipélago das Malvinas e para a expulsão dos nominados “usurpadores britânicos”.

Poucas semanas depois, enquanto o General Galtieri anunciava a retomada das ilhas na *Plaza de Mayo*, tomada por milhares de argentinos, Londres planejava sua reação, suspendendo dezenas de Navios da Marinha Real britânica, nos quais haviam embarcados aviões de combate, helicópteros, armamento e, principalmente, milhares de combatentes determinados a resgatar sua soberania, e, de certo modo, sua honra.

Em menos de 3 meses, em exatos 74 dias de conflito armado, os líderes argentinos e britânicos lavraram uma ata na qual negociaram o cessar-fogo e a retirada das tropas. Em outras palavras, negociou-se a desonrosa rendição da Argentina, a qual totalizou 890 vidas perdidas na guerra (VIDIGAL, 1984). Além disso, intermediou-se a ambição de ambos os Chefes de Estado interessados em reverter sua má popularidade e, assim, reverter o quadro político ora em decadência.

Ao analisar a crise econômica social que o Reino Unido enfrentava à época, é possível apontar que era mister que fossem utilizados os recursos menos dispendiosos e que houvesse um número reduzido de baixas, se assim o Estado desejasse recuperar as Malvinas. Portanto, a estratégia britânica poderia ser correlacionada facilmente com algum eventual conflito na atualidade. Particularmente, a Guerra das Malvinas foi um evento que envolveu o emprego de grandes quantidades de meios aéreos, visando a atingir o estado final desejado por meio de objetivos militares e não-militares com a utilização mínima de recursos, meios e tropas. Importante mencionar que esses são os fundamentos do arcabouço teórico das Operações Baseadas em Efeitos (*Effects Based Operations* – EBO, na sigla, em inglês) do Brigadeiro da

Força Aérea estadunidense David A. Deptula, formulada anos mais tarde. Portanto, em face deste cenário, busca-se, nesta pesquisa, responder à seguinte questão: teria a estratégia aeronaval praticada pelo Reino Unido na Guerra das Malvinas aderência em conformidade com o esboço teórico que futuramente constituiu a teoria das EBO?

Para responder tal questão, foi realizada uma pesquisa exploratória, auxiliada por bibliografias de diversas fontes primárias, tanto do lado britânico, como o autor Scott Caine (2003), quanto do lado argentino, como a autora Graciela Iglesias (2012). Ademais, para a consecução das análises, abrangendo a interpretação dos dados seguidos de uma conclusão, foi utilizado como desenho de pesquisa o confronto entre teoria e realidade.

Portanto, este trabalho tem como propósito analisar a aplicabilidade do conceito de EBO na Guerra das Malvinas, mesmo que este tenha sido formulado anos mais tarde, em uma projeção do poderio aéreo britânico perante a Argentina. Para tal, esmiúça-se a teoria em todos os seus aspectos, contextualiza-se a Guerra das Malvinas e por fim verifica-se o préstimo da Guerra e suas relações com tal teoria posteriormente elaborada.

Por fim, cabe ressaltar que esta dissertação se encontra estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo consiste nesta Introdução e tem como objetivo situar o leitor e apontar suas delimitações, metodologia, pergunta de pesquisa e objetivo. Por sua vez, no capítulo 2, apresenta-se a teoria das EBO, desenvolvida pelo Brigadeiro David A. Deptula, suas vertentes e especificidades, além de um breve histórico de vida desse teórico militar. Nesse capítulo também são citados alguns exemplos práticos de aplicação da teoria.

No capítulo 3 apresenta-se a Guerra das Malvinas. Para tanto, o capítulo foi composto em duas etapas: na primeira etapa, contextualizou-se historicamente o evento; já na segunda etapa, foi descrita a invasão argentina, as repercussões políticas, as ações aéreas britânicas que objetivavam o enfraquecimento argentino e a retomada do território pelo Reino Unido.

No capítulo 4, descreve-se alguns eventos e circunstâncias da Guerra das Malvinas, correlacionando os conceitos das Operações Baseadas em Efeitos e sua manobra associada, à luz da teoria desenvolvida anos mais tarde por David Deptula. Nesse capítulo também são apresentados alguns princípios sociais e econômicos da época a fim de contextualizar e facilitar a compreensão do objeto em estudo.

Por fim, no capítulo 5, foi desenvolvida a conclusão desta dissertação. Nesse capítulo, são destacadas as deduções entre a relação teoria-realidade projetada nos conflitos atuais, além da relevância da teoria ora pesquisada. Além disso, verifica-se a pertinência de sua aplicação como uma estratégia operacional, uma vez que se trata de uma base intelectual de parcela muito importante da condução da guerra.

2 A TEORIA EBO DE DAVID DEPTULA

Na primeira seção deste capítulo, analisa-se, resumidamente, o perfil do teórico David A. Deptula e o contexto que levou a formular suas ideias iniciais. Na segunda seção, por sua vez, é feito um debate acerca de alguns de seus artigos e obras que são utilizadas como apoio ao objeto de estudo dessa dissertação.

2.1 As bases de um conceito enigmático

O Brigadeiro David A. Deptula nasceu em 11 de junho de 1952, na cidade de Dayton, localizada no Estado de Ohio, nos Estados Unidos da América (EUA). Deptula começou sua carreira na Força Aérea dos EUA em 1976, lá permanecendo até 2010. Sua carreira como piloto se iniciou em 1977. Assim, ao longo dos anos, Deptula acumulou mais de 3 mil horas de voo. Além disso, adquiriu grande experiência como piloto de caça, tendo participado de 82 missões de combate pilotando a aeronave F-15 *Eagle* em mais de 400 horas de voo durante a Guerra do Golfo¹ (1990-1991).

Durante seus 34 anos de carreira, alternou tarefas operacionais comandando unidades de combate e de operações conjuntas. Foi, também, o principal planejador das operações de ataque por aeronaves da campanha aérea da coalizão na Operação Tempestade do Deserto (1991), além de comandar, por duas vezes, a Força-Tarefa combinada para a Operação *Northern Watch no-fly zone*² (1998-1999). Em 2001, atuou como diretor do Centro de Operações Aéreas Combinadas para a Operação Liberdade Duradoura, de onde orquestrou operações aéreas no Afeganistão em resposta aos ataques terroristas de 11 de setembro. Após

¹ A Guerra do Golfo (agosto de 1990 a fevereiro de 1991) foi um conflito militar travado entre o Iraque e forças da Coalizão internacional, liderada pelos EUA e com a aprovação do Conselho de Segurança das Organizações das Nações Unidas (ONU), por meio da Resolução 678, autorizando o uso de força militar para a libertação do Kuwait, ocupado pelas forças armadas iraquianas sob as ordens de Saddam Hussein (GOMES, s. d.).

² A Operação *Northern Watch no-fly zone* foi uma missão longa (que se estendeu de janeiro de 1997 a março de 2003), conduzida por uma Força-Tarefa conjunta de estadunidenses e europeus feita para implementar uma zona de exclusão aérea ao norte do paralelo 36 no Iraque (GLOBAL SECURITY, s.d.)

sua transferência para a reserva em 2010, continuou envolvido com assuntos militares, ao trabalhar com pesquisa, educação e advocacia em questões relacionadas com a segurança nacional (DEPTULA, 2001).

A Operação Tempestade no Deserto (1991) teve seu plano de emprego do poder aéreo concebido pelo Estado-Maior do qual Deptula era membro efetivo. Após uma análise criteriosa dos ensinamentos vivenciados durante o planejamento e a execução desta operação, o referido oficial concluiu que a ideia da destruição física do inimigo, apesar de frequentemente levar à consecução do estado final desejado, não seria tão primordial quanto ter o poder de controlar suas ações, comportamentos e decisões. Ressalta-se, assim, que tais preceitos são a base fundamental de sua teoria das EBO (DEPTULA, 2001).

2.2 Operações Baseadas em Efeitos (EBO)

Em conformidade com Scott Caine (2003), para um melhor entendimento da teoria em pauta, se faz necessário apresentar a definição de alguns termos e expressões. Dessa forma, primeiramente define-se, aqui, as expressões “Operações Baseadas em Alvos”, “Operações Baseadas em Propósitos” e “Operações Baseadas em Efeitos”. Nesse contexto, uma introdução sobre a diferença entre estas operações é apresentada por Caine:

A diferença entre cada uma destas operações é o foco da atividade, não a atividade em si mesma. Se se busca o atingimento de propósitos e metas, realiza-se uma Operação Baseada em Propósitos. No outro extremo está a Operação Baseada em Alvos, que visa alvos físicos. Situadas entre estes dois enfoques, as Operações Baseadas em Efeitos buscam obter resultados que irão apoiar o propósito. Cada nível de condução da guerra pode ser classificado de acordo com uma destas categorias, independentemente de como a guerra está sendo conduzida nos demais níveis. A chave para entender este quadro é a relação entre propósitos, efeitos e alvos, e como isto irá orientar o planejamento, execução e controle de uma operação (CAINE, 2003, p. 51, tradução nossa)³.

³ Original da língua inglesa: *The difference between each of these operations is the focus of the activity, not the activity itself. If the pursuit of purpose and goals is sought, a purpose-based operation is performed. At the other extreme is the target-based operation, which targets physical targets. Situated between these two approaches, effects-based operations seek results that will support the purpose. Each level of warfare can be classified into one of these categories, regardless of how warfare is being conducted at the other levels. The*

Ainda em concordância com Caine (2003), a noção de Operações Baseadas em Alvos é a mais simplista e comum dos três tipos apresentados, pois seu enfoque é a destruição física que visa apenas a aspectos materiais. Essa noção diz respeito, em termos simples, à identificação de alvos específicos do inimigo e à destinação de recursos que garantam sua devastação, sendo a forma mais comumente empregada em operações de nível tático.

Por isso, o hábito de empregar essa forma de operação geralmente alicia membros de Estado-Maior de outros níveis de planejamento. Como exemplo, pode-se apontar o nível operacional que, na sua aplicação rápida e caráter simplista, apresenta-se mais dispendioso, uma vez que são utilizados mais recursos para sua efetividade.

Já as Operações Baseadas em Propósitos podem ser interpretadas como aquelas cujo foco é atingir determinados propósitos estabelecidos pelos comandos superiores. Salienta-se que estes propósitos podem ser físicos ou comportamentais. Por sua vez, o enfoque nas Operações Baseadas em Efeitos, segundo Caine (2003), evita o pensamento de que existe apenas uma única forma de se atingir determinado propósito. Em outras palavras, diferentes caminhos podem chegar a um mesmo fim que se almeja.

Assim, determinar tais caminhos possibilitará uma maior flexibilidade no emprego das Forças, bem como a elaboração de um maior número de linhas de ação que apoiarão a tomada de decisão. Nas Operações Baseadas em Efeitos, a finalidade é atingir os efeitos desejados. Nesse contexto, a mesma lista de alvos estabelecida seria cumprida com algum critério ou reavaliada.

Porém, tal cumprimento se daria de acordo com o atingimento dos propósitos a fim de se alcançar os efeitos desejados de determinada missão. Depreende-se, em suma, que, quando as Operações Baseadas em Propósitos são realizadas, tarefas são determinadas e

key to understanding this picture is the relationship between purposes, effects and targets, and how it will guide the planning, execution and control of an operation.

cumpridas de forma que, caso selecionadas criteriosamente, conduzam ao atingimento do propósito definido (CAINE, 2003).

Após verificar alguns conceitos prévios que se prestam ao balizamento conceitual das EBO, é possível, então, aprofundar as bases teóricas e afirmar algumas ideias de Deptula. Para tanto, é preciso ter em mente que a teoria EBO não é um modelo fechado, um artifício ou uma técnica – não é teorizada especificamente à uma organização ou uma Força. Pelo contrário, pode ser caracterizada como uma doutrina, uma metodologia ou uma filosofia. Nessa lógica, incita a agregação de todas as ferramentas do poderio da segurança nacional e, dessa forma, tem aplicabilidade em todos os aspectos de um determinado conflito.

Destaca-se que o seu objetivo principal é tirar proveito do controle do oponente – produzir os efeitos necessários de forma que o inimigo aja em consonância com os propósitos objetivados de segurança nacional. Dito isso, o completo controle dos efeitos possibilitará que se visualize as ideologias militares clássicas de aniquilação e atrito, centradas na destruição, como um único meio de conquistar o controle do inimigo, em vez de ser o método operacional de fazer valer sua vontade (DEPTULA, 2006).

Nessa afirmação de David Deptula, verifica-se seu empenho em fazer com que a teoria das EBO extrapole o domínio da Força Aérea estadunidense e seja aplicado às demais Forças Armadas e instituições do Poder Nacional dos EUA. Entretanto, o cerne da questão consiste na sua compreensão de Guerra de Controle (*Control Warfare*, na língua inglesa), que, na análise de Caine (2003), seria um artifício para dominar o oponente que não intenciona a sua destruição, mas, por certo, seu controle, seja ele material ou psicológico. Vale salientar, também, que a incapacidade de uma Força inimiga continuar operando e o seu estado de moral abalado são primordiais para a destruição daquele sistema por meio do desgaste. Em resumo,

a paralisia estratégica⁴ é essencial. Assim, em termos práticos, o pressuposto da Guerra de Controle é impedir ao adversário a utilização seus recursos conforme o planejado.

O enfoque baseado em efeitos permite que uma força impeça que o inimigo utilize seus meios de conduzir a guerra, enfraquecendo o desejo do povo de prosseguir na guerra e o que é mais importante, reduzindo a habilidade de que o inimigo possa controlar suas funções vitais. Dessa forma, a destruição em todos os níveis da guerra, desde a liderança adversária até suas Forças no terreno, deve ser realizada visando à obtenção do controle sobre o inimigo, não apenas para desgastar seus recursos (CAINE, 2003, p. 14, tradução nossa)⁵.

Caine (2003) finda sua análise ao apontar que o conceito de guerra de controle se torna atraente à medida em que promete um triunfo expedito, econômico e, talvez, com diminutas baixas em ambos os lados, respeitando tratados como o Direito Internacional Humanitário (DIH) e a Carta da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1945. A partir de tal postura corrobora-se, portanto, com o conceito de Deptula, qual seja, o de atingir o estado final desejado da maneira mais rápida, gastando menos recursos e o mais significativo, com reduzidas baixas.

O brigadeiro estadunidense David Deptula ainda acrescenta que se houver dedicação efetiva aos efeitos (que se traduz na atividade fim da estratégia) em contrapartida ao embate entre as forças (a forma clássica de conseguir isto), será possível considerar formas mais eficientes de atingir um mesmo objetivo de maneira mais rápida que no passado – gastando menos recursos e, o que é mais importante, com reduzidas baixas (DEPTULA, 2006).

⁴ Paralisia estratégica é a definição da total neutralização do inimigo, ou seja, deixar o inimigo incapacitado de utilizar seus meios, mesmo que eles não sejam destruídos, até que este reconheça sua derrota ou esteja sem condições de resistir (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

⁵ Original da língua inglesa: *The effects-based approach allows a force to prevent the enemy from using its means of conducting war, weakening people's desire to continue the war and, most importantly, reducing the ability of the enemy to control their vital functions. Thus, destruction at all levels of war, from opposing leadership to their forces on the ground, must be accomplished in order to gain control over the enemy, not just to erode their resources.*

2.3 Processo de tomada de decisão

Todo conflito é cercado por variáveis que, sendo apresentadas no momento certo, influenciam líderes a tomadas de decisão. Cada um desses fatores, quando são apresentados aos decisores, podem levar a julgamentos brilhantes. Contudo, permanece o risco de serem igualmente catastróficos. Algumas teorias, ao longo do tempo, se mostraram ferramentas fundamentais em um processo decisório. Entre elas está o conceito *OODA loop*⁶, de John Boyd (1927-1997). Assim, analisa-se, aqui, quais são as suas similaridades com a teoria EBO ora supracitada (OSINGA, 2005).

Idealizador do conceito *OODA loop*, para se referir-se ao processo de tomada de decisões baseado na Observação, Orientação, Decisão e Ação, John Boyd declarou que os sistemas de informação e comunicações sofisticados permitiriam realizar esse ciclo de forma muito mais rápida e efetiva que no passado. Por isso, permitiu-se a penetração muito mais facilmente no processo de tomada de decisões do adversário, o que possibilitou, por sua vez, sua paralisação total sem requerer a destruição completa do seu potencial militar (OSINGA, 2005).

Seguindo essa mesma linha, Deptula (1996) comprovou que novos materiais tecnologicamente avançados, como os primeiros exemplares de veículos aéreos não-tripulados ou os avançados armamentos, permitiriam realizar operações de Guerra Paralela (*Parallel Warfare*, na língua inglesa), nas quais ataca-se simultaneamente, de forma rápida e decisiva, todos os Centros de Gravidade (CG)⁷ do adversário, alcançando a sua paralisia estratégica e, por consequência, forçando a sua rendição sem ter de recorrer à invasão terrestre.

⁶ O Coronel Boyd propôs um modelo de decisão estratégica, chamado ciclo OODA: Observação-Orientação-Decisão-Ação, enfatizando as dimensões morais e mentais do conflito. Recomendou maximizar a fricção sobre o inimigo, por meio de uma combinação de ações variadas, efetuadas com a maior rapidez, que possam deixá-lo incapaz de agir (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

⁷ Centro de Gravidade é o ponto de onde uma força militar (amiga ou inimiga), pelas suas características, capacidades ou localidades, extrai sua liberdade de ação, força física ou vontade de lutar (Brasil, 2007).

Pode-se deduzir, portanto, que os conceitos de EBO não tratam apenas de uma estratégia particular ou de um determinado tipo de operação. Ainda assim, são capazes de envolver qualquer estratégia já existente. Por consequência, depreende-se que a teoria do Brigadeiro estadunidense pode ser considerada mais completa que conceitos convencionais citados, sendo os disseminadores desses conceitos empenhados em comprovar todas as capacidades de sua proposição.

2.4 Da teoria à prática

Com o intuito de sedimentar os conceitos da teoria EBO ora aqui apresentados, cita-se, a seguir, dois exemplos clássicos de sua aplicabilidade:

Em fevereiro de 1991, na operação Tempestade no Deserto, no Iraque, os informes de inteligência das forças da coalizão apontavam que os alvos primários e secundários do sistema elétrico iraquiano não haviam sido neutralizados ou destruídos na medida e porção desejada, chegando à conclusão que o objetivo não estava sendo atingido a contento, sendo necessário, portanto, um reforço no esforço aéreo para alcançar tal efeito.

Entretanto, era do conhecimento dos setores de inteligência que o sistema elétrico da capital Bagdá e de grande parte do território não estavam funcionando satisfatoriamente, e que, dessa forma, o efeito desejado para o sistema de alvos selecionado estava sendo atingido. A célula de campanha aérea que compunha o Estado-Maior já não vislumbrava mais a necessidade de alocar o mesmo número de meios que havia sido planejado para aquela determinada missão, redirecionando para outros empregos. Ocasionalmente, realizava incursões para a administração do *status quo* de inatividade do sistema elétrico nas regiões de interesse da coalizão. Portanto, observa-se que não apenas o efeito desejado estava sendo alcançado; porque somou-se a ele um efeito psicológico fundamental: devido à precisão e à

eficácia dos ataques, muitos dos encarregados das plantas elétricas iraquianas desativavam voluntariamente suas instalações com o receio de ser alvejados.

Para os partidários da EBO, esse é o objetivo preponderante do conceito: controlar o comportamento do oponente. Contudo, os sistemas elétricos iraquianos atacados desencadearam alguns efeitos colaterais. A geração escassa de energia elétrica ocasionou efeitos catastróficos para a higiene e saúde pública dos civis iraquianos, pois, naquelas condições insalubres, não havia condições de purificar a água e suprir as necessidades básicas da população, acarretando grande quantidade de doenças.

Estima-se que mais de 110 mil mortes tenham relação com os problemas de saúde ocasionados pelos ataques ao sistema elétrico do Estado. A experiência negativa teve uma grande repercussão após doze anos, na segunda Guerra do Golfo (2003), na qual o planejamento foi todo pensado para que se evitasse o mesmo erro, ou seja, atacar o sistema elétrico iraquiano para que não se causasse sofrimento desnecessário à população, o que fatalmente levaria à opinião pública mundial a ideia de que as tropas estadunidenses estavam em guerra contra o cidadão iraquiano e não contra o regime ditatorial de Saddam Hussein. Percebe-se, assim, um exemplo clássico do quão importante é se prever determinados efeitos comportamentais em uma visão macro e seus reflexos que se manifestam na campanha como um todo (CAINE, 2003).

A segunda amostra tradicional que caracteriza a teoria EBO seria o ataque a uma ponte com o lançamento de uma bomba de precisão. O efeito desejado direto do ato é a detonação da bomba diretamente sobre a ponte, destruindo-a e inutilizando definitivamente a sua construção. Uma grande soma de efeitos indiretos seria consequência do efeito direto decorrente do ataque. Como exemplo é possível citar o fato de a mobilidade dos veículos blindados de combate do inimigo ser retardada em sua movimentação para a batalha (efeito

tático indireto desejado) e a Força terrestre oponente ser enfraquecida em seu poderio combatente (efeito operacional indireto desejado), favorecendo, dessa forma, as Forças amigas.

Entretanto, a ponte destruída pode trazer malefícios desnecessários à população, ou seja, sua destruição pode não ser condizente com o efeito desejado, pois pode atrapalhar o comércio local, o deslocamento de civis, e aumentar a hostilidade proveniente da população local (efeito indireto indesejado), o que fatalmente prejudicaria o empenho de estabilização e reconstrução da área do conflito após cessada a campanha militar (efeito indireto indesejado que se liga diretamente ao propósito estratégico e ao estado final desejado de uma determinada contenda). Uma vez que é previsível e planejada a destruição da ponte, vários dos efeitos indiretos, como as formas de se evitar ou mitigar tais efeitos devem ser previstos igualmente; porque esses aspectos são tão importantes quanto o próprio planejamento da ação inicial (DEPTULA, 2006).

3 O DESENCADear DA GUERRA DAS MALVINAS

O propósito deste capítulo é apresentar algumas questões relevantes que ocasionaram o desdobramento da Guerra das Malvinas, um conflito armado entre a Argentina e o Reino Unido ocorrido de abril a junho de 1982. Para tanto, são analisados, principalmente, aspectos que dizem respeito às operações aéreas desenvolvidas durante esses dois meses, e que interferiram de forma significativa no resultado da contenda.

3.1 O prelúdio da guerra

Historicamente, a Argentina sempre reivindicou, como herdeira desde a sua independência da Espanha, em 1810, o Arquipélago das Malvinas. No dia 3 de janeiro de 1833, os argentinos foram expulsos do arquipélago, as Ilhas Malvinas foram ocupadas e passaram a ser colonizadas pelos britânicos. Dez anos depois, as Ilhas se tornaram uma colônia de escoceses que, mais tarde, constituíram uma comunidade oficial britânica. Seus habitantes, chamados *Kelpers*, descendentes de escoceses, irlandeses, galeses e ingleses, mesmo possuindo profundos vínculos com a Argentina – inclusive familiares – e sendo carentes de diversos serviços argentinos devido à distância do Reino Unido, pretendiam manter sua cidadania britânica (VALÉRIO; HENTZ, 2013).

Luke Harding e Uki Goni, em um artigo do periódico inglês *The Guardian* (2013), mencionam, explicitamente, as questões históricas entre os dois Estados ocorridas à época:

Há 180 anos nesta mesma data, 3 de janeiro, em um descarado exercício de colonialismo do século XIX, a Argentina foi violentamente despojada das Ilhas Malvinas, que estão situadas a 14.000 km (8.700 milhas) de distância de Londres. Os argentinos que estavam nas ilhas foram expulsos pela Marinha Real e o Reino Unido subsequentemente iniciou um processo de ocupação similar ao que foi aplicado em outros territórios sob seu domínio colonial. Desde então, tem-se recusado a devolver os territórios à República Argentina, impedindo assim que o país restaure sua integridade territorial. A questão das Ilhas Malvinas é também uma causa abraçada pela América Latina e pela grande maioria de povos e governos ao redor do mundo que rejeitam o colonialismo. Em 1960, a ONU proclamou a necessidade de “pôr um fim ao colonialismo em todas as suas formas e manifestações”. Em 1965, a Assembleia Geral adotou, sem votos contrários (nem mesmo do Reino Unido), uma

resolução considerando as Ilhas Malvinas como um caso colonial e convidando os dois países a negociarem uma solução para a disputa de soberania entre eles. Isso foi seguido por várias outras resoluções com o mesmo efeito. Em nome do povo argentino, eu reitero nosso convite a obedecer às resoluções da ONU (HARDING; GONI, 2013, s.p. tradução nossa).⁸

O pensamento de Harding e Goni (2013) define claramente os antecedentes históricos que precederam a reocupação do território pela Argentina. Desde aquele dia, a Argentina reivindica a soberania sobre o território ocupado pelo Reino Unido. A recusa dos britânicos em negociar uma solução pacífica para pôr fim a essa disputa levou os argentinos a cometerem o extremo ato de invadir as Ilhas Malvinas.

Naquela ocasião, os governos militares predominavam na América do Sul. Além disso, a Argentina, em especial, vivia uma crise política e social inédita até então no Estado. Por isso, no dia 30 de março de 1982 houve, na *Plaza de Mayo*, uma grande manifestação popular contra a junta militar que governava o Estado. No dia seguinte, o jornal *La Prensa*, afirmava, profetizando, que apenas uma guerra externa poderia salvar o governo (VIDIGAL, 1984). Segundo Iglesias (2012), tornou-se essencial fazer com que a decadência do Estado fosse esquecida de forma a assegurar a permanência de Galtieri⁹ (1926-2003) no poder. E, para isso acontecer, seria preciso uma cartada de mestre: a reconquista das Ilhas Malvinas.

Alguns dias depois, em 02 de abril, os argentinos invadiram as Malvinas, levando a uma situação insustentável que ocasionaria ao conflito armado. Ao nascer do sol, a tropa argentina invadiu Stanley e rendeu um grupo de britânicos que ali estavam. Naquela época, as Ilhas

⁸ Original da língua inglesa: *180 years ago, January 3, in a blatant exercise of nineteenth-century colonialism, Argentina was violently stripped of the Falkland Islands, which are 14,000 km (8,700 miles) away from London. Argentines who were on the islands were expelled by the Royal Navy and the United Kingdom subsequently began a process of occupation similar to that applied to other territories under its colonial rule. Since then, it has refused to return the territories to the Argentine Republic, thus preventing the country from restoring its territorial integrity. The Falkland Islands issue is also a cause embraced by Latin America and the vast majority of peoples and governments around the world who reject colonialism. In 1960, the UN proclaimed the need to "end colonialism in all its forms and manifestations." In 1965, the General Assembly adopted, without opposing votes (not even from the United Kingdom), a resolution regarding the Falkland Islands as a colonial case and inviting the two countries to negotiate a solution to their sovereignty dispute. This was followed by several other resolutions with the same effect. On behalf of the Argentine people, I reiterate our invitation to obey UN resolutions.*

⁹ O General Leopoldo Fortunato Galtieri Castelli foi presidente da Argentina de 22 de dezembro de 1981 a 18 de junho de 1982 (ESTADÃO, 2003).

Malvinas eram o único território democrático em todo o Cone Sul, mas o regime ditatorial argentino foi ganhando espaço aos poucos (IGLESIAS, 2012).

O Reino Unido, por outro lado, passava por uma limitação no seu papel mundial. Instalada uma falência industrial e econômica, chegou-se ao ponto do Ministro da Defesa britânico à época, Denis Healy, afirmar que o papel da Marinha Real seria essencialmente antissubmarino. Portanto, não precisaria dos Navios-Aeródromos que estavam em construção nem do existente, o *HMS¹⁰ Hermes* (VIDIGAL, 1984)

Mais tarde, foi proposto que a guerra antissubmarino seria mais barata se conduzida por Contratorpedeiros e Fragatas, ocasionando a destinação do *Hermes* à sucata. O *HMS Invincible* foi vendido à Austrália, depois de prontificado. Como o Reino Unido não faria mais a guerra do tipo “imperialista”, os Navios de Desembarque Anfíbio *HMS Fearless* e *HMS Intrepid* foram oferecidos à venda, assim como os Navios de Transporte de Tropas – as quais os políticos da época afirmavam que seriam transportadas de avião para a área que fossem necessárias. Admite-se que somente a Guerra das Malvinas foi capaz de tirar a Marinha Real britânica dessa situação lastimável em que se encontrava (VIDIGAL, 1984).

Tal crise no Reino Unido induziu aos argentinos a acreditar que não haveria disposição do lado britânico para lutar pelo arquipélago. A impressão que ficou para a Argentina era a de que os britânicos não criariam dificuldades para reconhecer a ocupação como fato consumado. Assim, pensando em uma “diversão” para suas dificuldades internas, julgou, racionalmente, que, ao ocupar as Malvinas – uma ambição nacional – uniria o povo em torno do governo, e que, equivocadamente, o Reino Unido, não apenas pelas razões explicitadas, mas pelas imensas dificuldades logísticas que teria que superar para recuperar as ilhas em uma guerra, apenas negociaria uma desocupação pacífica (VIDIGAL, 1984).

¹⁰ Her Majesty's Ship (HMS) – Navio de Sua majestade (Tradução nossa).

Porém, como destaca Kersaudy (2007), a Primeira-Ministra do Reino Unido à época era Margaret Hilda Thatcher¹¹ (1925-2013) e os argentinos, guiados por sua cultura machista, não esperavam que o chamado sexo frágil feminino demonstrasse um espírito belicoso. A Argentina deu a oportunidade para que Thatcher demonstrasse sua admirável determinação e capacidade de liderança, deixando em segundo plano as críticas à sua política externa.

Os argentinos, por sua vez, acreditavam que contariam com a benevolência dos Estados Unidos da América, interessados em sustentar sua campanha anticomunista na América Latina, menosprezando a intensa relação pessoal de amizade entre o presidente estadunidense Ronald Reagan e a Primeira-Ministra britânica, associado ainda ao tradicional laço histórico entre EUA e Reino Unido, fazendo a balança a pender para o lado britânico (IGLESIAS, 2012).

3.2 A geografia do conflito

O arquipélago das Malvinas é composto por duas ilhas principais, as Malvinas Ocidental e Oriental, além de outras 778 ilhotas que formam um território de 12.173 km² localizado no Atlântico Sul (FIG. 1), a 480 km e a 12 mil km de distância da Argentina e do Reino Unido, respectivamente. As ilhas, situadas logo abaixo do paralelo 52°S, estão a cerca de 4 mil milhas náuticas (MN) da ilha de Ascensão, cujo uso foi cedido ao Reino Unido pelos EUA durante a campanha, sendo fundamental para o sucesso britânico (FIG. 2). A desigualdade de distâncias entre o Reino Unido e Argentina em relação às Malvinas levou aos argentinos acreditarem que os britânicos contavam com pouca cobertura contra ataques aéreos, não possuíam aviões baseados em terra (distâncias significativas das suas bases), poucos aviões embarcados nos seus Porta-Aviões e grandes áreas a serem esclarecidas por aeronaves.

¹¹ Margaret Hilda Thatcher, foi uma política britânica que serviu como Primeira-Ministra do Reino Unido de 1979 a 1990. Foi a Primeira-Ministra com o maior período no cargo durante o século XX e a primeira mulher a ocupá-lo (G1, 2013).

Portanto, apesar da Argentina ter a proximidade como as Malvinas como uma vantagem, o fator logístico britânico foi de fundamental importância para lograr êxito na campanha. Mas, ainda assim, para ambos os partidos, os fatores tempo-distância foram essenciais (VIDIGAL, 1984).

Outro dado de extrema relevância nessa análise tem relação com os aeroportos da região, pois o meio de transporte mais usado à época era o aéreo e, havendo inúmeras pistas, cerca de 30, apenas 5 permitiam pouso de aviões de carga no porte do *C-130 Hércules*, configurando um problema no campo logístico. O maior aeroporto, da capital – Puerto Argentino ou Port Stanley¹² – tinha uma pista de asfalto de 1250 metros, seguindo-se a da ilha de Pebble e Goose Green. Assim, modernos aviões de combate argentinos não podiam operar em nenhuma das pistas das Malvinas, o que gerava um problema operacional no planejamento das batalhas (VIDIGAL, 1984).

Somando-se ao exposto, as condições atmosféricas eram extremas, com temperaturas muito baixas e fortes ventos. Além disso, é importante ressaltar que, em torno do arquipélago, há abundante vida marinha, principalmente baleias, o que tornava as condições sonares desfavoráveis, principalmente devido às camadas térmicas que não se apresentavam bem definidas (VIDIGAL, 1984).

3.3 O estopim

Uma antiga estação baleeira na Geórgia do Sul foi vendida por um proprietário britânico à uma firma de sucata argentina. O fato criou um pretexto para o início do conflito, pois 42 trabalhadores argentinos, transportados para o local pelo Navio-Transporte da Marinha argentina *Bahia Buen Suceso*, chegando na Baía de Leith, em 19 de março de 1982, hastearam a bandeira argentina ao som do hino nacional, fazendo disparos para o alto com armas portáteis. Os britânicos protestaram contra essa afronta argentina e a violação à sua soberania. Sendo

¹² Puerto Argentino para os argentinos e Port Stanley para os britânicos.

assim, já no dia 23, o *HMS Endurance* suspendeu de Port Stanley com destino a Grytviken, capital da Geórgia, transportando 22 fuzileiros navais britânicos (FREEDMAN, 2005).

No dia 28, Forças Navais argentinas suspenderam de Porto Belgrano pela manhã, isoladamente, a fim de não chamar a atenção, organizadas em duas Forças-Tarefas (FT)¹³, em uma clara indicação que as forças já estavam preparadas antes do incidente da Geórgia do Sul (FREEDMAN, 2005).

As duas Forças-Tarefas eram separadas em FT anfíbia e FT de apoio – a primeira com a missão de realizar a operação anfíbia nas Malvinas – composta por 2 Contratorpedeiros tipo 42 (*ARA Santíssima Trindade* e *Hércules*), 2 Fragatas tipo A-69 (*ARA Drummond* e *Granville*), um Submarino tipo Guppy (*ARA Santa Fé*), um Navio de Desembarque de Carros de Combate (NDCC), tipo LST – Navio de Assalto Anfíbio (*ARA Cabo San Antonio*) – onde estavam embarcados o 2º Batalhão de Fuzileiros Navais e 19 veículos anfíbios, um quebra-gelo (*ARA Almirante Irizar*) e um Navio de Transporte (*ARA Isla de los Estados*).

Já a segunda FT, que tinha a tarefa de dar apoio à Força-Tarefa anfíbia, era composta pelo Navio-Aeródromo ligeiro (*ARA Veintecinco de Mayo*), 3 Contratorpedeiros tipo *Allen Sumner* (*ARA Bouchard*, *Piedrabuena* e *Seguí*), um Contratorpedeiro classe *Gearing* (*ARA Py*), um Navio-Petroleiro de Esquadra (*ARA Punta Medanos*) e um Rebocador (*ARA Sobral*) (FREEDMAN, 2005).

Merece destaque, baseado no presente estudo, o grupo aéreo embarcado no *ARA Veintecinco de Mayo*, constituído por 8 aviões de ataque *A-4Q Skyhawk*, 4 aviões antissubmarino *S2E*, 3 helicópteros *Alouette* e 5 helicópteros *S-61D Sea King* (FREEDMAN, 2005) (FIG. 3). Já os britânicos dispunham de um poder combatente de 67 fuzileiros navais nas ilhas de forma a se opor a esse magnífico dispositivo militar argentino (VIDIGAL, 1984).

¹³ Força-Tarefa é Força organizada por tarefas com comando próprio, constituída de unidades navais e aéreas embarcadas, para o cumprimento de missão específica (Brasil, 2007).

A invasão das Malvinas deveria ter ocorrido em 30 de março. Porém, as condições meteorológicas adversas naquele dia obrigaram seu postergamento para uma data mais oportuna. Diante deste evidente sinal que os argentinos se preparavam para invadir, em 1º de abril o governo britânico pediu a intervenção do Conselho de Segurança da ONU, marcando, assim, o início da Guerra das Malvinas. O Reino Unido, em vista disso, iniciou sua preparação para o conflito armado, tomando algumas medidas de caráter militar – colocou vários meios de prontidão, incluindo Submarinos nucleares (VIDIGAL, 1984).

Assim, após esta breve contextualização, passa-se, a seguir, a discorrer em uma sequência cronológica, as diversas operações desenvolvidas, tanto do lado argentino, quanto do lado britânico, a fim de contextualizar a guerra como um todo. Ressalta-se, no entanto, que há ênfase nas ações aéreas, o que é proposto no presente estudo.

3.4 Operação *Rosário*: a invasão

Segundo Sir Lawrence Freedman (2005), Sérgio Davidoff, um negociante de sucata, adquiriu três indústrias de beneficiamento de pesca de baleias que estavam abandonadas nas ilhas Geórgia do Sul. Empregou trabalhadores argentinos para transportar a sucata para a Argentina. A Marinha argentina, aproveitando-se da situação, infiltrou elementos de operações especiais entre os trabalhadores, na intenção de permanecerem na ilha após o término do serviço, o que não ocorreu. Os “trabalhadores” hastearam a bandeira argentina ao som do hino nacional, fazendo disparos para o alto com armas portáteis.

No entanto, alguns desentendimentos entre os funcionários do governo britânico e o negociante geraram interpretações confusas e resultaram na seguinte mensagem da guarnição britânica em Port Stanley: “... os argentinos desembarcaram” (FREEDMAN, 2005, p.4, tradução nossa).

O Almirante Vidigal (1984) menciona em sua obra que, em um ato contínuo, a rede “BBC television” noticiou erradamente que dois Submarinos nucleares britânicos dirigiam-se para as ilhas Malvinas, obrigando o comandante da Marinha argentina, Almirante Anaya, a antecipar a invasão, inicialmente planejada pelos seus Oficiais gerais pra junho, devido, basicamente, às condições meteorológicas desfavoráveis, que seriam um fator de força argentino. Isso porque o inverno nas Malvinas era intenso e os argentinos já estavam adaptados e estabelecidos nas ilhas, o que facilitava a ação de defesa de suas Forças, principalmente contra um inimigo lutando a mais de 8 mil MN de suas bases e sem a estrutura logística básica necessária.

O Almirante Anaya viu-se em dilema: precipitaria a invasão e perderia a vantagem sobre o oponente ou comprometeria todo o sucesso da invasão com a chegada dos Submarinos nucleares? Foi então que determinou que a execução do plano da operação denominada *Rosário* ocorresse o mais rápido possível, sendo o dia “D” marcado para 02 de abril de 1982 (VIDIGAL, 1984).

Cabe salientar que as regras de engajamento das tropas argentinas determinavam evitar mortes entre as guarnições das ilhas e não danificar as instalações de propriedade do governo britânico. Os líderes argentinos aspiravam, na realidade, que a invasão impulsionasse as negociações diplomáticas que há muito estavam em andamento, morosamente. Porém, o Reino Unido a considerou uma afronta, uma agressão inaceitável contra a soberania, e, assim, preparou-se para a guerra (FREEDMAN, 2005).

Cerca de 30 Navios, 20 aeronaves *Sea Harrier*, helicópteros e 5 mil homens bem treinados e equipados suspenderam do Porto de Plymouth, no sul da Inglaterra em direção às Malvinas. Em 07 de abril, o Reino Unido declarou o estabelecimento de uma zona de exclusão marítima, com um raio de 200 milhas náuticas ao redor do arquipélago (COLÓN, 2011).

Entretanto, os líderes argentinos inicialmente visualizaram que o conflito não se estenderia por muito tempo e não seria necessário enviar um grande efetivo militar para as ilhas. Ademais, acreditavam ser pouco provável a reação militar do Reino Unido e que a solução viria por vias diplomáticas. Com tamanha mobilização dos britânicos, passaram a reforçar as tropas no arquipélago, chegando a um efetivo de 10 mil homens.

Entretanto, apesar dessa mobilização aparentar um aspecto positivo estrategicamente, mostrou-se um problema logístico, pois os argentinos não haviam se planejado para prestar o apoio adequado a um efetivo dessa magnitude. Enquanto os Navios da própria Marinha e mercantes podiam navegar livremente pela região, quando poderiam ser transportados suprimentos e equipamentos para as ilhas, fizeram poucas viagens e sem grande expressão, com suprimentos e equipamentos básicos. Nem mesmo as pistas de pouso de Port Stanley foram adaptadas para operar aeronaves *Super Etendard*, *A-4 Skyhawk* e *Mirage* (VIDIGAL, 1984).

Segundo o comandante da Força Aérea argentina, Brigadeiro Lami Dozo, era inviável aumentar a extensão das pistas. Tal feito possivelmente teria mudado o rumo do conflito, visto que as aeronaves argentinas tinham que operar a partir de suas bases de terra, no continente, limitando sua atuação a poucas investidas aos meios britânicos (IGLESIAS, 2012).

3.5 Operação *Corporate*: a reocupação

Tão logo as notícias da invasão chegaram no Reino Unido, a Primeira-Ministra fez uma declaração que o arquipélago seria retomado, afirmando: “Se as ilhas forem invadidas, eu saberei exatamente o que fazer – expulsá-los” (THATCHER, 1982, *apud* CITAÇÕES..., s.d.) e anunciou a formação de uma Força-Tarefa com essa missão, dando início à Operação *Corporate*.

Assim, no dia 03 de abril, os primeiros Submarinos nucleares britânicos começaram a se deslocar para as Malvinas, e, dois dias depois, 2 Navios-Aeródromos, os *HMS Hermes* e *Invincible* deixam Portsmouth com destino a Ascensão. No dia seguinte, o Navio de Assalto Anfíbio *Fearless* suspende com um batalhão de fuzileiros navais a bordo, além de 45 Navios mercantes de diversos tipos, em um esforço logístico espetacular britânico (VALÉRIO; HENTZ, 2013).

Com o intuito de enfraquecer militarmente a Argentina, no dia 07, o Ministro da Defesa britânico anunciou o estabelecimento de uma Zona de Exclusão Total (ZET), de 200 MN de raio ao redor das ilhas, sendo efetiva a partir de 12 de abril. O Reino Unido já estaria assumindo que não teria os meios necessários para tornar efetiva a medida, porém divulgaram que 4 Submarinos nucleares estavam dando a efetividade necessária à interdição na área (FREEDMAN, 2005).

Com a incerteza e o receio de arriscar importantes meios de sua Esquadra, os Navios argentinos que participaram da Operação *Rosário* recolheram-se à Porto Belgrano, mesmo com a suspeita de um blefe britânico, e iniciam um estado de prontidão para um eventual confronto com o Reino Unido (FREEDMAN, 2005).

O fato de saberem que os argentinos possuíam 4 Submarinos, induziu os britânicos a um esforço antissubmarino considerável, que se estenderia até o fim do conflito. Durante o trânsito de Ascensão às Malvinas, os helicópteros “*Sea King*” com seu sonar de mergulho e dotados de boias radiossônicas, foram utilizados diuturnamente com a finalidade de localizar os mesmos. Nesse mesmo traslado com destino às Malvinas, foram realizadas inúmeras missões de patrulha e reconhecimento. Aviões *Nimrod* foram adaptados para o reabastecimento em voo e, baseados em Ascensão, apoiavam as missões de esclarecimento e a campanha antissubmarino (VIDIGAL, 1984).

Um dos requisitos fundamentais para o sucesso de uma operação anfíbia é a superioridade aérea. O pequeno número de aeronaves *Sea Harrier*, cerca de 12 no *HMS Hermes* e 8 no *HMS Invincible* não seriam suficientes para garantir o êxito da operação. Entretanto, essas aeronaves seriam fundamentais na campanha das Malvinas, tanto nas missões de esclarecimento quanto nas de ataque. Posteriormente, o quantitativo disponível foi reforçado com mais 8 *Sea Harriers* e aviões *GR3* da Real Força Aérea (RAF), os quais foram adaptados para operar no ambiente naval e adequado para receber os mísseis *Sidewinder AIM-9L* (VIDIGAL, 1984).

Tão logo a FT britânica atingiu o alcance máximo da aviação argentina, até então baseada no território continental argentino, devido à decisão equivocada de não ampliar as pistas de seus principais aeroportos nas Malvinas, passou a navegar em estado de alerta aéreo, em condições de decolar uma aeronave interceptadora em 5 minutos, mesmo tendo conhecimento que se encontrava dentro do raio de ação da limitada porém eficiente aviação de esclarecimento argentina e não da sua poderosa aviação de ataque. A FT britânica contou, basicamente, com a cobertura aérea dos *Sea Harriers* embarcados nos 2 Navios-Aeródromos, sendo insuficiente à medida que a FT entre no alcance dos modernos aviões de ataque argentinos. Outra adversidade enfrentada pelos britânicos foi a restrição política que considerava o território continental argentino um “santuário”, no qual era proibitivo atacar as bases aéreas argentinas, na sua porção continental (VIDIGAL, 1984).

Segundo o Almirante Vidigal (1984), era incompreensível que os argentinos não tenham aproveitado esse tempo que lhes foi dado pelo deslocamento da FT britânica para aumentar a pista de Port Stanley, de modo a permitir a operação a partir das ilhas dos seus modernos aviões de combate. A guerra provavelmente teria tomado outra direção, caso a aviação argentina operasse a partir das ilhas Malvinas, pois a limitação imposta na autonomia das aeronaves em razão da distância de suas bases continentais não ocorreria, aumentando

sobremaneira o raio de ação tanto das aeronaves esclarecedoras como o poder combatente das aeronaves de ataque.

A decisão dos líderes do Reino Unido foi que a primeira ação a ser tomada seria a retomada da Geórgia do Sul, pois lá teria a estrutura de apoio necessária à FT, incluindo reparo a navios avariados em combate. Mas, para tal, os britânicos careciam de informações de inteligência a respeito do dispositivo argentino na região. Um avião-tanque *Victor*, adaptado para levantamento aerofotogramétrico, fez um voo de reconhecimento a partir de Ascensão, voando por quase 15 horas e obtendo fotos detalhadas das ilhas (VIDIGAL, 1984).

Aproveitando-se das informações coletadas, um grupo de 12 homens de tropas de operações especiais desembarcaram na Geórgia do Sul a fim de observar e informar os movimentos das forças argentinas ao Grupo-Tarefa (GT) formado pelos Navios *HMS Antrim*, *Plymouth*, *Endurance* e *Brilliant*. Devido às condições meteorológicas desfavoráveis, houve diversas tentativas de desembarque, por dois dias, por helicópteros e por botes, acarretando a queda de 2 helicópteros *Wessex 5* (FREEDMAN, 2005).

Na mesma ocasião, um avião *Boeing* da companhia aérea *Aerolinas Argentinas*, disfarçado de um voo comercial, porém cumprindo missão de esclarecimento, localizou a força principal britânica se aproximando das Malvinas (FREEDMAN, 2005).

Os britânicos, valendo-se da confusão dos argentinos, ocasionada pelo incidente com o Submarino *ARA Santa Fe* – o qual foi afundado por helicópteros britânicos – efetuaram o desembarque de tropas de comandos com o apoio de fogo naval dos *HMS Antrim* e *Plymouth*. Sem apresentar qualquer tipo de resistência, os argentinos se renderam (FREEDMAN, 2005).

3.6 A batalha frustrada

Após a reconquista da Geórgia do Sul, até o mais descrente dos argentinos foi convencido da resposta britânica. Em retaliação, a Força Naval argentina suspendeu de Porto

Belgrano em 4 GT, incluindo o Navio-Aeródromo (NAe) *Veintecinco de Mayo*, que contava com a aviação baseada em terra, seu grupo aéreo embarcado e seus escoltas, Fragatas armadas com mísseis superfície-superfície (MSS) *Exocet* (VALÉRIO; HENTZ, 2013).

No dia 1º de maio, um avião *S-2E*, orgânico ao NAe, em um esclarecimento noturno, obteve um contato radar composto de um alvo grande rodeado de 6 médios afastado do NAe cerca de 300 MN, a noroeste das ilhas Malvinas e com direção a ela. Foi determinado, então, que a força argentina rumasse ao alvo com a velocidade máxima de 20 nós para investigar o contato e lançassem seus *A-4 Skyhawk* quando chegasse ao seu alcance máximo, atacando com suas bombas de 500 libras. O objetivo era reduzir sua capacidade para então engajá-los em ações de superfície com MSS. Posteriormente, os canhões do *ARA Belgrano* finalizariam a missão, consumando a vitória na batalha. Contudo, as limitações e insuficiências do *Veintecinco de Mayo* foram determinantes para o fiasco argentino: para realizar o ataque com eficiência, seria necessário lançar todos seus aviões de ataque, cada um carregado com 3 bombas e combustível suficiente para realizar o ataque e regressar em segurança para o NAe.

A primeira limitação mostrou-se por ocasião da decolagem dos aviões. Isso porque o *A-4 Skyhawk* necessita de um vento relativo adequado para seu lançamento. E, quando o vento reinante local é insuficiente para a decolagem – o que era raro na região – é obtido o vento aumentando-se a velocidade do NAe ou, como alternativa, decolando os aviões com menos combustível e bombas. Como a potência máxima de máquinas do *Veintecinco de Mayo* era insuficiente para que os aviões fossem lançados com o combustível e as bombas suficientes ao cumprimento da missão (o alcance máximo possível era 70 milhas náuticas enquanto a distância da força britânica ainda era 180 milhas), o ataque se tornou inexecutável. Ao ser informado que 2 aviões britânicos *Sea Harrier* sobrevoaram e localizaram positivamente sua posição, afastaram-se, desperdiçando, talvez, a melhor oportunidade de liquidar as Forças britânicas (VIDIGAL, 1984).

3.7 Operação *Black Buck*: a paralisia argentina

Ao final de abril, chegaram à ilha de Ascensão as aeronaves *Vulcan*, um bombardeio estratégico inglês de grande autonomia. O objetivo britânico era, ao explorar as ações aéreas, atacar alvos de caráter essencial para os argentinos, demonstrar sua força e determinação de acabar com o conflito. Sendo assim, foram realizadas sete operações de bombardeio visando a atingir, principalmente, o aeroporto de Port Stanley e as instalações relacionadas à sua defesa antiaérea (FREEDMAN, 2005).

De acordo com Freedman (2005), o *Vulcan* tinha a capacidade de transportar 21 bombas de mil libras – o que dava um poder de até 10 toneladas de explosivos – e mísseis *Tigercat* para se opor às defesas aéreas inimigas.

Em vista disso, o alvo primário dos bombardeios do *Vulcan* eram os aeroportos principais das Malvinas, em especial o de Port Stanley, o qual, mesmo após inúmeros bombardeios, continuou operacional até o fim do conflito. Cabe ressaltar que as incursões não eram efetivas devido às bombas não produzirem danos significativos em pistas construídas encravadas na pedra. Porém, o efeito desejado britânico foi atingido: impediu a ampliação das pistas ou construção de aparelhos de parada que permitiriam a operação das modernas aeronaves de ataque argentinas, como os *A-4 Skyhawk*, os *Mirage* e os *Super Etendard*. Somando-se às questões materiais, tem-se que o bombardeio dos aeroportos, além de demonstrar a capacidade britânica de atacar o território argentino quando desejasse, visava a um efeito psicológico, o que amedrontava os argentinos quanto a um ataque em seu território continental, obrigando-os a fixar, em suas bases em terra, aviões em constante alerta para sua defesa (FREEDMAN, 2005).

3.8 Afundamento do *ARA Belgrano*: o início do fim

O Reino Unido não tinha conhecimento dos planos de ataque argentinos, porém sabiam que uma ação estava sendo planejada. Assim, a Força britânica se abriga em uma posição segura e destaca o Submarino *HMS Spartan* para localizar e afundar o NAe argentino. Em paralelo, o *HMS Conqueror*, que buscava pelo *ARA Belgrano*, informou aos líderes britânicos que o GT estava em condições de lançar seus mísseis *Exocet* contra aquele Navio, mesmo estando fora da ZET. Certa que o afundamento de qualquer um dos seus Porta-Aviões poderia significar a derrota do Reino Unido, a Primeira-Ministra Margaret Thatcher autorizou a investida ao Navio argentino, afundando-o. Os registros apontam que ao dia 5 de maio, terceiro dia após a perda do *Belgrano*, John Nott, Ministro da Defesa britânico, contou, no decorrer de um jantar com integrantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)¹⁴, que um grupo de ministros decidiu afundar o Navio, porém, eles eram liderados pela Primeira-Ministra (KERSAUDY, 2007).

Resistindo ao ataque de Pearl Harbor, em 1941, o *Belgrano*, antigo *USS¹⁵ Phoenix*, construído em 1935, foi comercializado para Argentina pelos EUA. O Navio era constituído de um poderio bélico de canhões que intimidavam a Marinha inglesa (KERSAUDY, 2007). Segundo palavras de Thatcher (1982): “Sabíamos o que tínhamos que fazer, fomos e fizemos. A Grã-Bretanha é grande outra vez” (THATCHER, 1982, *apud* G1, 2013, s.p.). Determinou-se também que todos os Submarinos ou Navios argentinos que provocassem intimidação à Força-Tarefa deveriam ser destruídos, até se localizados exterior à ZET, estipulada por Londres para balizar o combate em torno das Ilhas Malvinas (KERSAUDY, 2007).

¹⁴ Criada em 1949, durante a Guerra Fria, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) era uma aliança militar formada apenas por Estados ocidentais e capitalistas, tendo os Estados Unidos da América como principal líder. Essa organização tinha como principal objetivo inibir o avanço do bloco socialista no continente europeu, fornecendo apoio militar para as nações integrantes da organização (BRASIL ESCOLA, s.d.).

¹⁵ United States Ship (USS) – Navio dos Estados Unidos da América (Tradução nossa).

A perda do *Belgrano* amedrontou os argentinos devido a impotência diante da ação dos Submarinos nucleares britânicos e causou o retorno da Força Naval argentina aos portos no continente, fazendo a Armada argentina atuar como “Esquadra em Potência”¹⁶ (VIDIGAL, 1984)

Dessa forma, essa nova situação da Armada argentina deu aos britânicos o controle da área marítima de toda a região em conflito, o que se mostrou como uma grande vantagem estratégica (VALÉRIO; HENTZ, 2013).

Este episódio assinalou o fim da fase naval da guerra e inaugurou a aeronaval. Neste novo período de combates, dois episódios se destacam: o do *HMS Sheffield* e o *HMS Suttton*. O primeiro deu-se quando dois aviões argentinos *Super Etendards* afundaram, com mísseis ar-superfície (MAS) *Exocet*, a Fragata inglesa *Sheffield*, sendo o marco do início deste míssil na guerra (MARTINI, 1992). O segundo foi a operação britânica de desembarque no Estreito de San Carlos. Segundo Martins (1984), as tropas britânicas anularam sem qualquer resistência as defesas argentinas e assumiram o controle da região. Logo após a confirmação da reocupação britânica nas ilhas, 52 aviões de ataque argentinos foram enviados às ilhas Malvinas, ocasionando uma batalha aeronaval considerada como uma das mais sangrentas desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O episódio, denominado *Bomb Alley*, marcou o término da fase aeronaval e o início da guerra terrestre. O período foi marcado por sucessivos combates que resultaram na consolidação britânica em terra, iniciando a marcha para a capital e a ocupação de todos os aeroportos do arquipélago, a última linha de comunicação das tropas argentinas com as Malvinas.

¹⁶ Esquadra em Potência é um conceito utilizado quando o lado mais fraco, frequentemente, limita-se a uma atitude passiva, partindo do princípio que uma Esquadra inativa vale mais do que uma Esquadra afundada, uma vez que tão somente sua presença se constitui em uma ameaça para o partido dominante. Isto assegura o que chamáramos hoje em dia uma dissuasão existencial. Os autores clássicos, geralmente condenaram-na como sendo sinônimo de condescendência, senão de covardia (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Na madrugada do dia 12 de junho iniciou-se a batalha final da retomada das Malvinas. Cada montanha ao redor da capital foi tomada pelas Forças terrestres britânicas, uma após a outra, pelo uso da força, em intensas batalhas. A única alternativa para o Comandante argentino não foi outra, senão render-se incondicionalmente ao Comandante das Forças do Reino Unido. Sendo assim, após a retomada da ilha Thule do Sul, finda a Guerra das Malvinas, contabilizando, segundo o Almirante Woodward (1932-2013), citado na obra do Almirante Vidigal, a perda de 890 vidas, além de 1.845 feridos, entre Argentina e Reino Unido (VIDIGAL, 1984).

Sublinha-se que, ao todo, foram 74 dias de operações realizadas, nas quais foram testados a força militar, os brios e o prestígio dos dois Estados envolvidos no conflito. Neste sentido, em uma visão mais ampla, a guerra influenciou diretamente a elegibilidade dos governantes que estavam no poder à época. A derrota argentina acarretou a queda do regime militar. Todavia, no Reino Unido, a vitória consagrou e conduziu a reeleição de Margaret Thatcher.

Atualmente, as ilhas Malvinas permanecem sob poder britânico. Os governantes argentinos geralmente ignoram os quase 3.500 *kelpers* residentes nas Ilhas e dizem negociar o poder sob as Malvinas diretamente com Londres. Porém, a Corte Inglesa nega a negociação sem o consentimento dos habitantes. Há uma especulação que os ilhéus gostariam de proclamar a independência, todavia, quase sempre reiteram que desejam permanecer dependentes da Inglaterra. Além disso, os *kelpers* ampliam o recado, informando que são a quarta maior renda *per capita* do mundo e que possuem infraestrutura de saúde, educação e segurança pública e constituem uma sociedade sem corrupções (COLÓN, 2011). Por isso, a discórdia entre o Reino Unido e a Argentina ainda sobrevive.

4 A TEORIA EBO POSTERIORMENTE À QUESTÃO MALVINAS

Neste capítulo analisa-se se a estratégia britânica utilizada na Guerra das Malvinas possui aderência com a teoria EBO formulada anos depois pelo Brigadeiro estadunidense David Deptula. Analisa-se também seus critérios e a correlação entre teoria e guerra, principalmente no aspecto da aplicação cumulativa de todo o leque de capacidades militares e não-militares visando paralisar estrategicamente o adversário. Para tanto, tal teoria é contrastada com as ações aeronavais britânicas de esclarecimento e com as medidas adotadas para enfraquecer o poderio argentino.

A teoria EBO, apesar de suceder a guerra, é considerada aqui análoga às ações de esclarecimento aéreo britânicas nas Malvinas. Isso ocorreu porque, ao se obter elementos de movimento, posicionamento e intenções argentinas, bem como suas vulnerabilidades críticas, percebe-se que estes fatores resultaram no seu enfraquecimento e, por consequência, em sua paralisia estratégica. Assim, aponta-se que o cenário se assemelha aos conceitos defendidos por Deptula.

4.1 A tomada de decisão britânica

O Reino Unido passava por uma forte crise econômica na década de 1980, originada da crise do petróleo de 1973. Coube a Margaret Thatcher, eleita Primeira-Ministra em 1979, a missão de recuperar o Estado adotando uma política interna diferente da anterior. Para tanto, a Primeira-Ministra se utilizou de preceitos neoliberais e reformulou a política externa e as instituições britânicas. Contudo, sua política social era inexpressiva, gerando uma crise interna de popularidade, ocasionando manifestações e protestos que geralmente eram reprimidos com força policial (NOVARO; PALERMO, 2007).

Se no âmbito interno as relações não estavam a contento, Thatcher precisava de um artifício para aplacar o ânimo exaltado de seu povo. E, naquele momento, as relações

internacionais com a Argentina não seguiam de forma benigna. As relações diplomáticas entre os dois Estados alternavam entre bons e maus momentos. É possível citar, por exemplo, a proposta argentina de transferência gradual das Malvinas em 1980, negada publicamente pelo Reino Unido, o que acarretou uma estagnação das negociações a respeito daquele território. Por sua vez, a Argentina, que igualmente sofria uma crise interna, necessitava mudar o foco de sua população e aumentar seu prestígio. Assim, a invasão das ilhas consistiu em um bom recurso (NOVARO; PALERMO, 2007).

Ainda que o Reino Unido soubesse que a retomada do território das Malvinas era possível, o Estado tentou uma solução pacífica – e mais econômica para ambos – por meio das vias diplomáticas, com os EUA de mediador junto à ONU, porém sem sucesso (TILL, 2009). Os argentinos confiavam que os britânicos não criariam resistência por diversas razões, dentre elas, sua crise financeira que se refletia nos meios das Forças Armadas e todo o esforço logístico que deveria ser desenvolvido para uma investida de uma localidade tão distante. Esqueceram-se, pois, da “Dama de Ferro”¹⁷, sua personalidade forte, sua determinação e seu espírito belicoso. E, assim, as lideranças do Reino Unido, mesmo com poucos recursos, encontraram-se em um processo de tomada de decisão, na qual a guerra se mostrava possível. Para tanto, tomaram determinadas medidas e adotaram certos procedimentos baseados nos efeitos desejados que são mencionados a seguir e são fruto da comparação, aqui proposta, com o conceito EBO.

4.2 Zona de Exclusão Total

Além da maioria dos Estados europeus, que atualmente compõem a União Europeia terem declarado as tradicionais sanções econômicas e financeiras à Argentina – cessando

¹⁷ Apelido dado à Primeira-Ministra Margaret Thatcher devido à sua força de vontade e determinação que lhe valeram o apelido de "Dama de Ferro", dado pela imprensa soviética em função de sua ferrenha oposição ao comunismo (EPOCA NEGÓCIOS, 2013).

relações comerciais e diplomáticas, objetivando enfraquecer moralmente, economicamente e militarmente aquele Estado – uma das primeiras diligências tomadas pelo Reino Unido foi estabelecer uma zona de exclusão em torno das Malvinas. O governo britânico enfatizou em todas suas declarações públicas que não se tratava de um “bloqueio”, pois no direito internacional esse termo está intimamente relacionado a um estado de guerra declarado ou reconhecido. Realçou, também, a importância de notificar adequadamente antes da data de sua efetividade bem como todos os navios e aeronaves que poderiam ou não adentrar a zona. Propôs, ainda, que todos os navios de guerra argentinos ou aeronaves militares que entrassem ou fossem encontrados dentro da área seriam tratados como hostis e que, por isso, seria utilizado o uso apropriado da força. Os quatro submarinos nucleares enviados para patrulhar a área, além das aeronaves armadas com MAS que realizavam esclarecimento diuturnamente, no raio de 200 milhas náuticas ao redor da ilha, garantiriam essa medida. Contra toda e qualquer embarcação ou aeronave que estivesse prestando suporte ou abastecendo a Força argentina, a Marinha Real britânica tomaria as medidas necessárias para garantir que suas atividades não fossem completadas, cortando assim toda a linha de suprimento das guarnições argentinas nas ilhas (FREEDMAN, 2005).

Assim sendo, traçando um paralelo da medida britânica com os conceitos EBO, Deftula expressa sua importância:

Bem além da atividade de destruir uma Força oposta está o objetivo final da guerra – forçar um resultado político positivo. O uso da força para controlar, em vez de destruir a capacidade de ação de um oponente, empresta uma perspectiva diferente ao uso mais eficaz da força. Controle – a capacidade de dominar a influência de um adversário em eventos estratégicos – não significa necessariamente a capacidade de manipular ações táticas individuais (DEFTULA, 2001, p.5, tradução nossa).¹⁸

¹⁸ Original da língua inglesa: *Far beyond the activity of destroying an opposing force is the ultimate goal of war - to force a positive political outcome. Using force to control, rather than destroying an opponent's ability to act, lends a different perspective to more effective use of force. Control - the ability to master an opponent's influence on strategic events - does not necessarily mean the ability to manipulate individual tactical actions.*

Portanto, é possível depreender que a Zona de Exclusão Total foi um modelo utilizado pelo Reino Unido que visava o enfraquecimento argentino e buscava alcançar o efeito desejado britânico, qual seja, controlar eficazmente o oponente. Afirma-se, também, que tal postura coadunou com o conceito das Operações Baseadas em Efeitos – EBO – de Deptula.

4.3 A imobilidade aérea argentina

Conforme explicitado no capítulo anterior, o meio de transporte mais utilizado no arquipélago era o aéreo, o que expunha, claramente, aos britânicos uma vulnerabilidade crítica argentina. Adicionalmente, como os avançados aviões de ataque não tinham a capacidade de operar em nenhuma pista das ilhas, os líderes britânicos teriam que garantir que os argentinos não as ampliariam, pois se os aviões de ataque operassem das Malvinas, ganhariam em autonomia e capacidade de combate, e, fatalmente, a superioridade aérea, seria sinônimo de uma catástrofe para o Reino Unido. Por conseguinte, para atingir os objetivos de debilitar as tropas nas ilhas e impossibilitar o alongamento de suas pistas, os frequentes ataques aos aeroportos se mostravam como uma possibilidade de paralisar estrategicamente os argentinos (VIDIGAL, 1984).

A chegada à ilha de Ascensão dos aviões bombardeiro *Vulcan*, de grande autonomia e que operavam a grandes distâncias de sua base, seria a ferramenta ideal para arruinar a estratégia argentina. Tal episódio configurou a operação *Black Bulk*. Segundo o Almirante Vidigal (1984), essa operação não teve êxito aos olhos argentinos, pois o aeroporto de Stanley continuou operacional até o momento da sua rendição. Sabia-se que a pista era construída na rocha, assim os bombardeios provocavam poucos danos. Contudo, seu efeito psicológico foi grandioso – uma vez representava um grande feito logístico britânico, devido à distância envolvida, ainda inesperado pelo oponente – e reafirmava a capacidade que o Reino Unido tinha de atacar o território continental argentino.

À vista disso, a Argentina fixou alguns aviões de ataque (especialmente os *Mirage*) nas suas bases metropolitanas a fim de realizar a defesa em uma possível investida britânica. Além disso, o que aparentava ser para os argentinos um fiasco, para os britânicos foi a conquista do seu efeito desejado (VIDIGAL, 1984).

De acordo com a teoria da paralisia estratégica explicitada na obra de Coutau-Bégarie (2010) e remodelada por David Deptula (2000), o acúmulo de efeitos diretos, indiretos e induzidos (*cascading*¹⁹) deve deixar o inimigo incapacitado de utilizar seus meios, mesmo que eles não sejam destruídos. Percebe-se, assim, que a teoria EBO é uma reformulação da paralisia estratégica.

Pode-se inferir, portanto, que os conceitos EBO coincidem com as manobras utilizadas pelo Reino Unido, ao ponto que impediram a ampliação das pistas dos aeroportos e frustraram os planos argentinos de operar suas modernas aeronaves de ataque diretamente da cena de ação, o que iria se apresentar como um fator de força extraordinário, e, talvez, possibilitaria outro rumo no desfecho do conflito. Outra questão a ser observada foi que, ao bombardearem os aeroportos das ilhas, os britânicos provocaram um efeito de dissuasão nos líderes argentinos. Além disso, ao permanecerem com aviões de ataque em alerta contra qualquer tentativa de bombardeio em solo continental argentino, diminuía o efetivo de aeronaves que estavam atuando na guerra e incapacitavam os argentinos de disporem de alguns meios, muitas das vezes essenciais em certas batalhas (VIDIGAL, 1984).

Todavia, por questões políticas, o alto escalão britânico determinou que a atuação de seu Estado seria limitada à região das ilhas Malvinas e seu entorno compreendendo a zona de exclusão, área na qual nenhuma força desnecessária ou desproporcional deveria ser tomada, apenas a condizente para se alcançar os objetivos. Consequentemente, o território continental argentino deveria ser considerado um “santuário” e sob nenhuma hipótese deveria sofrer algum

¹⁹ Em cascata (Tradução nossa).

tipo de ataque. Porém, os argentinos, por razões óbvias, não tinham essa informação privilegiada, indisponibilizando parcela considerável de sua aviação de ataque para se defenderem de um bombardeio que nunca aconteceria (FREEDMAN, 2005).

4.4 Os efeitos psicológicos

De forma a contextualizar a os conceitos de EBO com a estratégia britânica na Guerra das Malvinas, Caine (2003) afirmava que os efeitos de uma ação específica podem ser classificados em físicos ou comportamentais. Os efeitos físicos são originados do impacto direto em um sistema ou alvo e são estimados, geralmente, pelo grau de destruição sofrido. Os comportamentais simbolizam as ações específicas que induzem o oponente a proceder de uma forma peculiar. Se o objetivo final de uma operação não é a destruição do inimigo, normalmente o escopo será algum modo de efeito comportamental. Atualmente, as operações militares se iniciam com ataques que, por meio de efeitos físicos em um primeiro momento, visam a efeitos comportamentais subsequentes.

Assim, as missões diárias de esclarecimento desenvolvidas pelos britânicos visavam a não apenas acompanhar os movimentos da Força argentina, mas também a ter o conhecimento necessário sobre o aprestamento de suas tropas, testar suas defesas, verificar a condição operativa de seus meios, a prontidão e qual o estado do seu armamento (FREEDMAN, 2005).

Nas missões de esclarecimento, os *Sea Harriers* ingleses carregavam sempre uma bomba de mil libras cada um, para alvos de oportunidade. Caso não encontrassem um alvo significativo, ao regressar para o Porta-Aviões, soltavam a bomba sobre o aeroporto de Port Stanley, com a finalidade de inquietar os argentinos, importunar suas defesas antiaéreas, e, sobretudo, provocar um efeito psicológico considerável em suas tropas (VIDIGAL, 1984).

Outros artificios foram utilizados pelos britânicos com o fito de provocar efeitos comportamentais nos argentinos: o avião-tanque *Victor*, configurado para esclarecimento aerofotogramétrico, fazia incursões partindo da ilha de Ascensão com uma vultuosa autonomia de quase 15 horas. *Victor* fazia fotos de alta resolução das instalações, posicionamento e movimento das tropas, localização de meios e de outras atribuições que contribuíam sobremaneira para as tomadas de decisão, bem como para a precisão nos ataques desferidos. Assim, os britânicos eram mais eficientes em suas ações, causavam desorientação, desordem e incidiam diretamente no moral das tropas argentinas (VIDIGAL, 1984).

A ZET, que perdurou durante todo o período do conflito, e a operação anfíbia executada pelos ingleses, objetivavam não apenas enfraquecer as Forças argentinas, mas tinham como meta produzir um efeito psicológico em cada combatente argentino, como é citado por Sir Lawrence Freedman:

Houve tempo suficiente entre a chegada da Força-Tarefa, o controle da área marítima e a superioridade aérea ser obtida até o aeródromo ser neutralizado. Com o apoio adicional de helicópteros, as Forças britânicas devem desfrutar de mobilidade tática suficiente para combater qualquer Força argentina posicionada daquele momento em diante. Uma vez que tomassem a cabeça de praia, também seriam fortes o suficiente para sustentá-la. A moral argentina e a capacidade de resistir provavelmente se deteriorariam à medida que a zona de exclusão continuasse. A cabeça de praia deveria estar localizada suficientemente perto para exercer pressão militar e psicológica direta contra a principal Força argentina na área de Stanley. Isso poderia convencer os argentinos de que sua posição era militarmente insustentável, e que eles poderiam honrosamente concordar em se retirar, mas a possibilidade de que o inimigo pudesse avançar para uma batalha decisiva deveria ser considerada na seleção da posição da cabeça de praia (FREEDMAN, 2005, vol.2, p.172, tradução nossa).²⁰

Em síntese, os diversos ataques desferidos sobre os argentinos não tinham apenas a finalidade de causar danos materiais em instalações ou defesas de terra, muito menos a

²⁰ Original da língua inglesa: *There was enough time between the arrival of the Battle Group and the earliest landing date for local sea control and air superiority to be gained and for the airfield to be neutralized. With additional helicopter support proposed, British forces should enjoy sufficient tactical mobility to counter any Argentine forces deployed forward. Once they had the bridgehead they would also be strong enough to sustain it. Argentine morale and ability to resist were likely to deteriorate as the blockade continued. The bridgehead should be close enough to exert direct military and psychological pressure against the main Argentine force in the Stanley area. This might convince the Argentines that their position was militarily untenable, and that they could honorably agree to withdraw, but the possibility that the enemy could advance for a decisive battle could be allowed for in selecting the position of the bridgehead.*

conquista de porções do território. As investidas se revestiam de vantagens estratégicas, principalmente com relação aos efeitos psicológicos provocados, como é possível comprovar no relato de Deptula, apontando uma efetividade superior à destruição.

4.5 Esquadra em potência

Coutau-Bégarie, em sua obra *Traité de Stratégie*²¹ (2010), dizia que o oponente mais fraco, geralmente, se restringia a uma atitude passiva, partindo do princípio que uma esquadra inativa vale mais do que uma esquadra afundada. Isso porque somente a sua presença constitui uma ameaça para o oponente mais forte. Isto assegura o que se chama hoje de “dissuasão existencial”.

Os autores clássicos, que se seguiram a Mahan (1840-1914), frequentemente a condenaram como sendo sinônimo de condescendência, ou então de covardia (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Tal afirmação de Coutau-Bégarie remete ao episódio do afundamento do *ARA Belgrano* pelo Submarino nuclear *HMS Conqueror*. O Cruzador argentino estava 36 MN afastado da zona de exclusão. Os britânicos, por sua vez, assumiram o risco de a opinião pública mundial considerar o ataque uma atrocidade, que assim o fez, julgando como um “inútil ato de violência”, de valor militar discutível, pois foram perdidas 323 vidas. Contudo, a tomada de decisão de Margaret Thatcher foi baseada na premissa que o Reino Unido estaria expondo seus Porta-Aviões, e que, se perdesse algum deles, perderia a guerra (VIDIGAL, 1984).

O impacto psicológico nos argentinos foi tamanho que obrigou os argentinos a desistir de empregar sua Força Naval de superfície, compreendendo a determinação britânica para o combate associada à sua incapacidade de se contrapor aos Submarinos nucleares,

²¹ Tratado de Estratégia (Tradução nossa).

levando-os a confinar seus Navios aos portos, e, assim, a adotar a tática de Esquadra em Potência (FREEDMAN, 2005).

4.6 A utilidade da teoria

Os conceitos de EBO formulados anos depois por Deptula muito se assemelham à estratégia aeronaval utilizada pelo Reino Unido na Guerra das Malvinas. Em uma época em que o Reino Unido ainda se recuperava de uma grave crise econômica oriunda do choque do petróleo de 1973, recorrendo ao auxílio do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Estado se viu obrigado, inclusive, a adotar uma política de austeridade e enfrentou uma fase de instabilidade econômica chamado pela imprensa britânica de “inverno descontente”. Manifestações públicas e greves acarretaram o colapso do governo do partido trabalhista e a eleição de Margaret Thatcher ao cargo de Primeira-Ministra em 1979 (MARTINI, 1992).

No contexto da situação econômica britânica à época, na qual uma guerra seria dispendiosa para o Estado, as teorias de EBO se enquadrariam perfeitamente, pois, alcançar os efeitos desejados com um gasto mínimo de recursos seria a opção ideal, sobretudo em um período dominado pela redução maciça dos orçamentos militares. Ademais, é importante assinalar que as Forças Armadas britânicas estavam atravessando por um período de sucateamento e obsolescência, em que a utilidade dos novos meios recém-fabricados estava sendo revista e muitos deles estavam sendo postos à venda para outros Estados, como o *HMS Intrepid*, *Invincible* e *Fearless* ou sendo transformados em sucata, como o *HMS Hermes* (MARTINI, 1992).

Por isso, a questão das Malvinas resultou em uma “sobrevida” para as Forças Armadas britânicas. Ainda que a guerra fosse onerosa para o Estado, as Forças Armadas viram na crise uma oportunidade de recuperação. Os meios, ora ofertados a outros Estados, se transformaram em recursos preciosos nas batalhas que se seguiram. As aeronaves de asa fixa

em operações de esclarecimento, ao localizarem o adversário e suas vulnerabilidades críticas, criaram condições para as ações não-militares: a obstrução das linhas de comunicações das ilhas Malvinas, o corte de toda sua linha de suprimentos essenciais ao esforço de guerra, e o consequente ocasionamento de uma “paralisia estratégica” argentina.

5 CONCLUSÃO

A Guerra das Malvinas, apesar de breve, consistiu em uma questão complexa cujos efeitos perduram até os dias atuais. Indo além, é passível de ser vista sob diversas perspectivas, de tal maneira que ambos os lados ainda permanecem em uma tensão velada. Ao observar este cenário, o intento desse trabalho foi observar a concepção de cada Estado, seu contexto histórico, suas crises internas, seus temores e pensamentos diante de cada conduta do oponente e, assim, contextualizar o que induziu a cada um adotar o ato extremista de ingressar em um conflito armado.

Entretanto, o escopo deste estudo restringiu-se a analisar a estratégia aeronaval adotada pelo Reino Unido e a correlação com uma teoria baseada na aplicação cumulativa de todo o leque de capacidades militares e não militares visando a paralisar estrategicamente as Forças argentinas. Nesse sentido, buscou-se coadunar a análise com o arcabouço teórico que constituiu a teoria das EBO – formulada pelo Brigadeiro estadunidense David A. Deptula.

Para tanto, foi formulada a seguinte questão: teria a estratégia aeronaval praticada pelo Reino Unido na Guerra das Malvinas aderência em conformidade com o esboço teórico que futuramente constituiu a teoria das EBO?

A pesquisa exploratória tencionou responder tal pergunta evidenciando a consistência dos conceitos EBO, diferenciando de concepções semelhantes – Operações Baseadas em Alvos e Operações Baseadas em Propósitos – com finalidades distintas. Isso porque a teoria EBO não é um modelo fechado, um artifício ou uma técnica – não é teorizada especificamente à uma organização ou uma Força. Pelo contrário, seria caracterizada como uma doutrina, uma metodologia ou uma filosofia, na qual a ideia da destruição física do inimigo, apesar de frequentemente levar à consecução do estado final desejado, não seria tão primordial quanto ter o poder de controlar suas ações, comportamentos e tomadas de decisão. Assim, ao observar a teoria EBO, tem-se que para alcançar esse efeito desejado é aplicado

cumulativamente todo o leque de capacidades militares e não-militares visando paralisar estrategicamente o oponente, atingindo da maneira mais rápida, gastando menos recursos e o mais relevante, com o menor número de perdas humanas.

Portanto, considera-se que a Guerra das Malvinas, ainda que tenha ocorrido anos antes da formulação da teoria EBO foi bem oportuna para descrever a conjuntura do que foi o último grande conflito armado no Atlântico Sul.

Após realizado este estudo, acredita-se que foram reunidas condições para responder à questão outrora formulada como escopo desse estudo: a estratégia aeronaval executada pelo Reino Unido na guerra ocorreu, efetivamente, em concordância com os conceitos que anos depois se constituiu a teoria EBO, pois, mesmo involuntariamente, o Reino Unido utilizou mecanismos para atingir seus efeitos desejados se utilizando de escassos recursos, de maneira expedita e com poucas baixas. Ademais, todos os efeitos militares e não-militares foram conduzidos coadunando com os preceitos futuros de Deputula, seja pelos efeitos psicológicos induzidos nos argentinos, seja pelo estabelecimento da ZET, cortando a linha de suprimentos das tropas, causando não apenas a insuficiência de suprimentos de guerra, mas, especialmente, a carência de itens de básicos à sobrevivência, o que fomentou um estado de espírito deplorável, beirando a indignidade e desonra.

No cenário de um conflito entre Estados com Marinhas de capacidade regional, como é o caso do Brasil, é plausível que um acontecimento semelhante ao que ocorreu na Guerra das Malvinas torne a acontecer, e aquele que tiver a mais bem preparada e melhor treinada Força Naval, além de possuir um Porta-Aviões, pode obter vantagens nos processos que a teoria EBO prega, devido à amplitude de esclarecimento e do poder de fogo que a aviação embarcada é capaz de prover à Força Naval.

Por fim, em conformidade com a situação que a Marinha do Brasil vem atravessando na última década, este estudo se propõe a deixar um legado para, ao menos,

mitigar os efeitos catastróficos que um conflito armado oferta. Isso porque julga-se pertinente que a compreensão e os aspectos descritos por esta pesquisa não se esgotam por aqui e podem servir de tema para futuros grupos de trabalho no âmbito da Marinha do Brasil ou de um planejamento de uma Força conjunta, para que possam ressaltar junto ao nível político a relevância que a aviação embarcada tem para uma Força Naval, podendo esta interferir na tomada de decisão, na iniciativa das ações e na capacidade de reação do inimigo, ocasionando, portanto, o controle das ações do oponente.

Dito isso, como uma oportunidade de melhora, propõe-se uma sugestão de novos estudos sobre o tema em tela, englobando as condições materiais dos meios navais e aeronavais da Marinha brasileira. Assim, acredita-se que a Marinha do Brasil possa estar em condições mediante um imprevisível emprego, no aprestamento de suas tropas, no incentivo ao desenvolvimento de novas tecnologias e inovações no campo militar, e o uso intensivo de tecnologias de informação por meio de determinados *softwares* de simulação, para, assim, obter o controle gerencial de atividades complexas e cognitivas – como uma guerra – objetivando um raciocínio lógico e assertivo, e dando o embasamento necessário ao processo de tomada de decisão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**: MD 35 G-01. 4. ed. Brasília, 2007.

BRASIL ESCOLA. **OTAN**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/otan.htm>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

CAINE, Scott E. **Incorporating Effects-Based Operations into Air Force Doctrine**. 2003. 94 f. Dissertação (School of Advanced Air and Space Studies) – Air University, Base Aérea de Maxwell, 2003. Disponível em: <https://www.afresearch.org/skins/rims/q_mod_be0e99f3fc56-4ccb-8dfe-670c0822a153/q_act_downloadpaper/q_obj_6194fabb-2db4-4c4a-879a0d1a320cb1c9/display.aspx?rs=enginespage>. Acesso em: 27 jun. 2019.

COLÓN, Guillén. Das Operações Baseadas em Efeitos à *Comprehensive Approach*. **Nação e Defesa**, n. 125, p. 221-235, 2011.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de estratégia**. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

DEPTULA, David A. Operações Baseadas em Efeitos. **Air and Space Power Journal em português**, Base Aérea de Maxwell, 2º Trim. 2006, p. 6-7, abr./ mai./ jun., 2006.

_____. Effects-Based Operations: A U.S. Commander's Perspective. **POINTER Journal of the Singapore Armed Forces**, Singapura, v. 31, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.mindef.gov.sg/imindef/publications/pointer/journals/2005/v31n2/features/feature2.html>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

_____. **Effects-Based Operations chance in the nature of warfare**. Arlington, Virginia: Aerospace Education Foundation, 2001. 38p.

_____. Parallel Warfare: What is it? Where did it Come From? Why is it Important? In: HEAD, W; TILFORD, E. (eds.) **The Eagle in the Desert**: Looking Back on U.S. Involvement in the Persian Gulf War. Westport: Praeger, p. 127-56, 1996.

ESTADÃO. **Morre Leopoldo Galtieri, ex-ditador argentino**. 2003. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,morre-leopoldo-galtieri-ex-ditador-argentino,20030112p24527?req=mundo/2003/not20030112p24527.htm>>. Acesso em 29 jul. 2019.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Dama de Ferro despertou admiração e ódio**. 2013. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Vida/noticia/2013/04/dama-de-ferro-despertou-admiracao-e-odio.html>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

FREEDMAN, Lawrence. **The Official History of The Falklands Campaign: War and Diplomacy**. Londres: Routledge Taylor and Francis Group, 2005. 713p.

G1. **Leia frases de Margaret Thatcher**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/leia-frases-de-margaret-thatcher.html>>. Acesso em 10 jul. 2019.

_____. **Margareth Thatcher morre na Inglaterra**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/margareth-thatcher-morre-na-inglaterra.html>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

GLOBAL SECURITY. **Northern Watch**. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/ops/northern_watch.htm> Acesso em 29 jun. 2019.

GOMES, Cristiana. Guerra do Golfo. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/guerra-do-golfo/>>. Acesso em 29 jun. 2019.

HARDING, Luke; GONI, Uki. Argentina urges UK to hand back Falklands and ‘end colonialism’. **The Guardian**, London, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/uk/2013/jan/02/argentina-britain-hand-back-falklands>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

IGLESIAS, Graciela. Malvinas: las revelaciones del archivo inglés. **La Nación**. Buenos Aires, Dic. 2012. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1541058-malvinas-las-revelaciones-del-archivo-ingles>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

KERSAUDY, François. Século XX: quando as Malvinas foram argentinas. **História Viva**, São Paulo, n. 47, nov. 2007. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/seculo_xx_quando_as_malvinas_foram_argentinas.html>. Acesso em: 14 jul. 2019.

KOBURGER, Charles W. Jr. **Sea Power in the Falklands**. Nova Iorque: CBS Educacional and Professional Publishing, 1983. 186p.

MARTINI, Héctor A. **Historia de La Aviación Naval Argentina**. Buenos Aires: Tomo III, 1992.

MARTINS, Umberto Barbosa Lima. Guerra das Malvinas: Um ponto de Vista Anfíbio. In: **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1984.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à restauração Democrática**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

OSINGA, Frans P.B. **Science, Strategy and War: The Strategic Theory of John Boyd**. Amsterdam: Eburon Academic Publishers, 2005. 315p.

PINTEREST. **Malvinas Argentinas**. Disponível em <<https://br.pinterest.com/fernac1968/malvinas-argentinas/>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

TILL, Geoffrey. **Sea Power. A Guide for the 21st Century**. London: Routledge, 2009.

VALÉRIO, M. A. G.; HENTZ, L. A. S. Islas Malvinas versus Falkland Islands: O arquipélago da discórdia. **Revista de Informação Legislativa**, v. 198, p. 189-209, 2013.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. Conflito no Atlântico Sul – Parte 1. In: **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1984.

WIKIPÉDIA. **Guerra das Malvinas**. 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_das_Malvinas>. Acesso em 03 jul. 2019

ANEXOS

ANEXO A

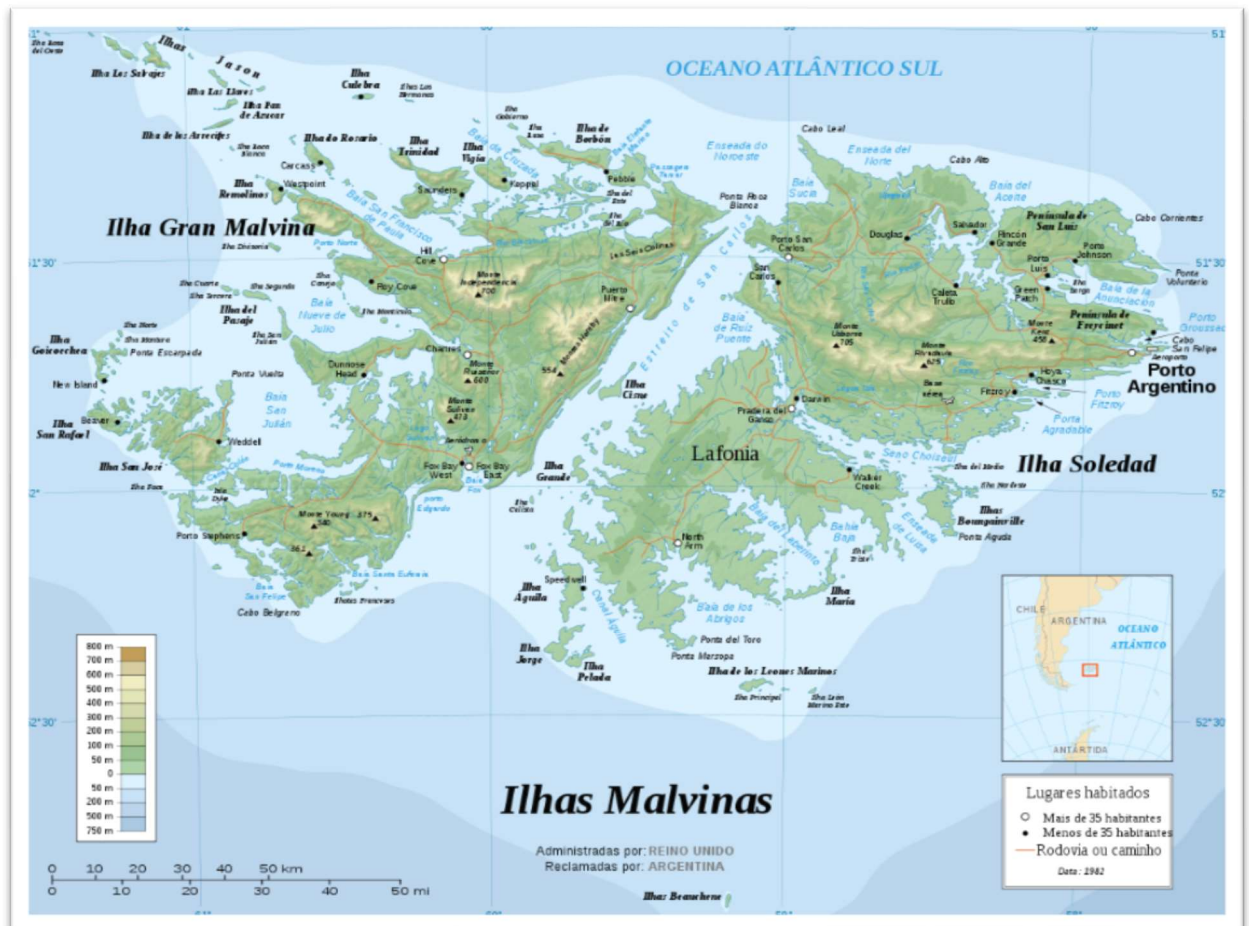


FIGURA 1 - O arquipélago das Malvinas

Fonte: WIKIPÉDIA, 2019.

ANEXO B



FIGURA 2 - Distância entre os Estados e as Ilhas Malvinas.

Fonte: WIKIPÉDIA, 2019.

ANEXO C

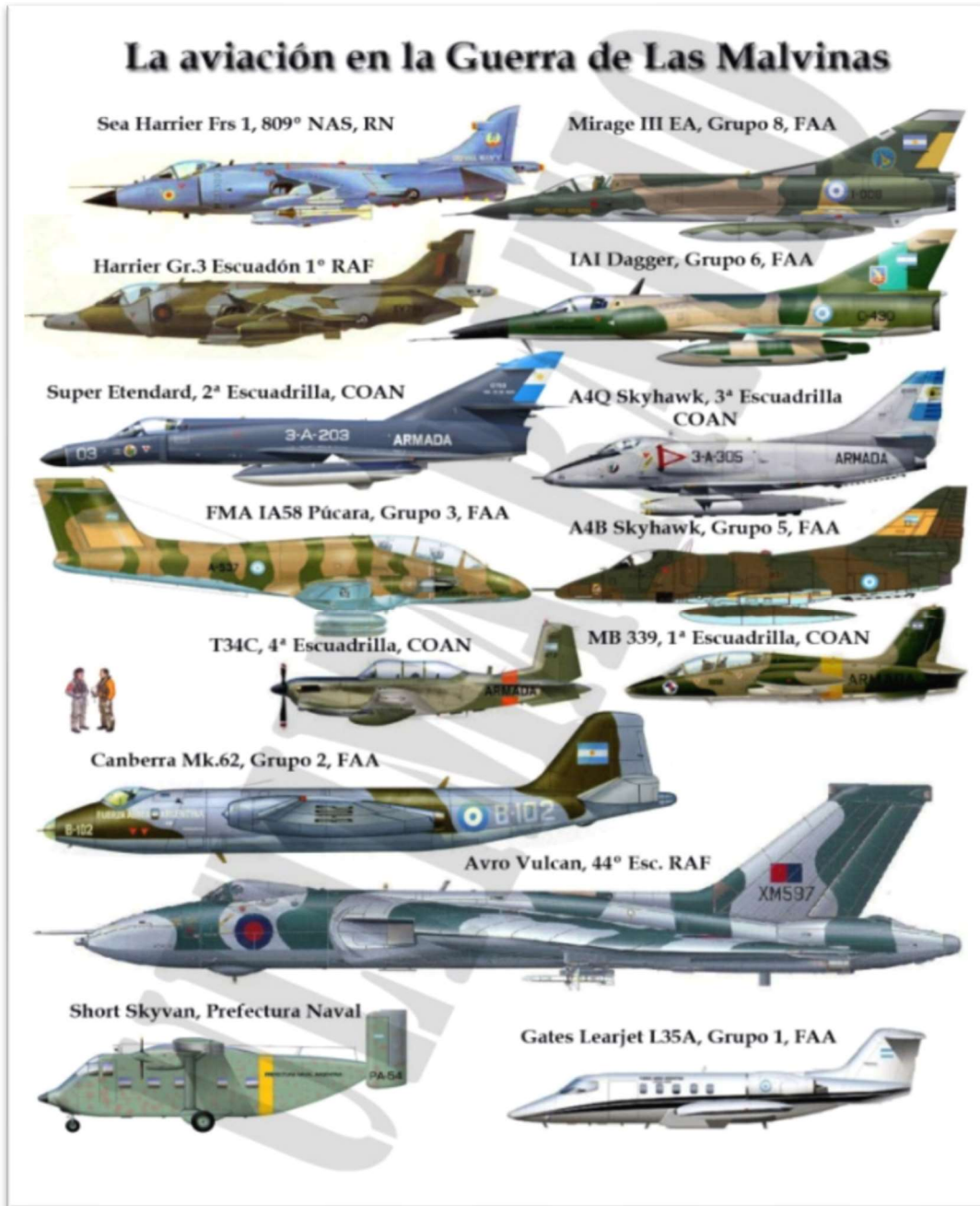


FIGURA 3 - Aviação britânica e argentina na Guerra das Malvinas

Fonte: PINTEREST, 2019.